

Experiências e práticas teatrais para um novo modo de envelhecer

Theatrical experience and practices for a new age mode

Graciele Barbosa de Moraes Barros*

Resumo: O objeto de estudo desse trabalho foi buscar uma intervenção sobre uma questão social atual: o aumento mundial da longevidade, da população de idosos. É preciso oferecer a essas populações alternativas que impactem na sua qualidade de vida e diminuição de demandas para o setor saúde. Surge o papel do teatro na terceira idade, que permite a manutenção de uma autovalorização do idoso. O teatro, espaço de representação, expressões e sentidos passa a ser uma forma de recriação de vivências plenas de significados e capazes de serem expressas de forma lúdica. O objetivo do artigo é propiciar uma reflexão sobre a ação do teatro na população idosa, particularizada num grupo específico, buscando perceber qual o contributo deste na melhoria da qualidade de vida dos idosos estudados. O presente texto objetiva ainda demonstrar como os idosos podem através do teatro melhorar sua autoestima. A metodologia utilizada no projeto foi baseada na pesquisa aplicada com base qualitativa, utilizando observação participante e grupo focal. A delimitação da aplicação do projeto se deu no do Grupo de teatro Ativo da Universidade Aberta para Terceira Idade da UEPG-Pr.

Palavras-chave: Teatro. Idosos. Qualidade de Vida.

Abstract: The work of this study object was to seek an intervention on a current social issue: the global increase in longevity, the elderly population. We must offer alternatives to this population that impact on their quality of life and reduced demands for the health sector. Comes the role of theater in old age, which allows the maintenance of self-worth of the elderly. The theater, the space of representation, expressions and meanings becomes a form of recreation of full experiences of meaning and capable of being expressed in a playful manner. The paper aims to provide a reflection on the theater of action in the elderly, particularized in a specific group, seeking to understand what the contribution of this in improving the quality of life of the elderly. This paper aims to demonstrate how even the elderly can through theater to improve their self-esteem. The methodology used in the project was based on applied research with qualitative basis, using participant observation and focal group. The delimitation of the project application was given in the active theater group of the Open University for the Third Age UEPG-Pr

Keyword: Theater. Elderly. Quality of life.

Recebido em: 09/08/2015. Aceito em 16/03/2016

* Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Nova de Lisboa e Graduação em História - Bacharelado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: gracimbarros@hotmail.com

Introdução

Quando se fala em representação, parece não haver clareza do conceito, pois este termo é definido por uma série de noções variadas como imaginário (s), ideologia (s), mito (s) e mitologia (s), utopia (s) e memória (s). Pereira (2008) afirma que a expansão recente da história cultural popularizou entre as ciências humanas e sociais o termo “representações”, promovendo esta noção a uma posição-chave na historiografia. Etimologicamente, “representação” provém da forma latina “*repraesentare*” – fazer presente ou apresentar de novo. Ou seja, fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma ideia, por intermédio da presença de um objeto. Para Chartier (1991, p. 67), a representação é fundamental nas análises dos estudos culturais, pois permite articular tal representação com o mundo social, cultural, econômico, etc.

Então, na medida em que o teatro pode ser considerado um elemento revelador da maneira de pensar e agir dos homens, podemos dizer que traduz uma atividade que pode funcionar como veículo de transformações negativas em positivas, ou seja, é um espaço de possibilidade de rever através da interpretação teatral as situações ou vivências negativas dos idosos em algo ressignificado. A denominada velhice, de maneira geral, tem sido definida por diversas gerações através de uma série de valores e práticas, que as identificam pelo próprio processo de envelhecimento e foi pensando nisso que se pretendeu buscar na história de vida desses idosos algumas ideias e vivências que, através do teatro pudessem ser colocadas em cena.

O presente artigo é resultado do Mestrado em Artes Cênicas da Universidade Nova de Lisboa, (UNL) Portugal, o qual foi desenvolvido na modalidade Trabalho de Projeto, visando a concepção e desenvolvimento pelo aluno de uma aplicação original dos conhecimentos e competência adquiridas à satisfação de fins sociais e culturais. Tomando por objeto de estudo a intervenção no grupo de Teatro Ativo dos Idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, Paraná, Brasil, que decorreu no período de Setembro a Dezembro de 2013, este projeto procurou envolver ativamente os participantes do grupo, nomeadamente através da construção do

guião da peça que foi sendo construída de forma participativa e coletiva através das vivências e memórias que foram sendo apresentadas pelos elementos deste grupo.

A partir da efetivação da peça, especificamente das técnicas de interação grupal e do processo participativo de construção de personagens, foram analisados os seus discursos sobre a experiência no teatro.

1. Estrutura Conceitual

Considerando a história do teatro, tem-se que três mil anos antes de Cristo já existiam representações teatrais. Para Magalhães Junior (1980, p.4), a palavra teatro é de origem grega, provém da forma grega *theatron* e derivada do verbo “ver” (*theastai*), olhar com atenção, perceber, contemplar. No latim a palavra teatro vem de “*theatum*” e embora alguns de nós pensemos que o teatro seja uma invenção grega, ele é anterior a isso, pois é uma manifestação artística que esteve presente na cultura de muitos povos e que foi se desenvolvendo espontaneamente em diferentes lugares do mundo, ainda que, na maioria dos casos, por imitação. Até mesmo antes de florescer o teatro grego na antiguidade, a civilização egípcia já tinha nas suas representações dramáticas as expressões da sua cultura.

Segundo Ferreira (2011) o teatro no Brasil surgiu quando Portugal fez do país sua colônia no século XVI e com o intuito de catequizar os índios já existentes no Brasil, os jesuítas levaram consigo uma nova religião (católica) ensinando-a através do teatro e da literatura. Juntamente com os eventos festivos dos indígenas, a primeira forma de teatro que os brasileiros conheceram foi a dos portugueses. Portanto, o teatro passou a ser utilizado como instrumento de educação religiosa, de diversão e, apresentando um caráter supostamente civilizador.

No século XVII, além do teatro envolvendo a catequese, surgiram outros tipos de práticas cênicas que celebravam as festas populares e acontecimentos políticos, alguns lembrando muito o carnaval como conhecemos hoje, pois segundo Cacciaglia, “As pessoas saíam às ruas para comemorações vestidas com adereços, desfilando mascaradas, dançando, cantando e tocando instrumentos” (1986, p.06).

Com a chegada da família real no Brasil, em 1808, o teatro dá um grande salto. D. João VI assina um decreto de 28 de maio de 1810 que reconhece a necessidade da construção de “teatros decentes” para a nobreza que necessitava de diversão. Grandes espetáculos começaram a chegar no Brasil porém, além de serem estrangeiros e refletirem os gostos europeus da época eram somente para os aristocratas e o povo não tinha qualquer participação, o teatro não tinha uma identidade brasileira. (CACCIAGLIA, 1986, p.12)

Então, no século XIX o teatro brasileiro passa a ser um dos marcos históricos daquele período, nesse momento da história as comédias de costumes passam a ser responsáveis por representar o momento vivido. Outros nomes de destaque da época foram: o dramaturgo Artur Azevedo, o ator e empresário teatral João Caetano e, na literatura, o escritor Machado de Assis (ENCENA, 2015, p.01). Já em 1855 surge o teatro realista no Brasil, o teatro deixa de lado os “dramalhões” e visa o debate de temas atuais, problemas sociais e conflitos psicológicos tentando mostrar e revelar o cotidiano da sociedade, o amor adúltero, a falsidade e o egoísmo humano. Posteriormente, com o golpe militar em 1964 veio a censura e um número enorme de peças foram proibidas, sendo que só a partir dos anos 70 o teatro retoma a sua produção.

Na história do teatro, o Teatro popular serve para designar a produção teatral do povo para o povo, onde de maneira geral os espetáculos são feitos nas ruas, nos sindicatos, de modo a aproximar-se dos trabalhadores. Mais especificamente, o Teatro comunitário surge a partir da necessidade de entretenimento, da diversão e com o objetivo de levar à participação de todos, através da exposição dos testemunhos e sentimentos expostos pelos próprios. (MARTINS apud PINTO, s/d, p.108).

O teatro comunitário aparece aí como o porta-voz da cultura, reativando o valor do lugar-comum e, ao mesmo tempo, ampliando esse lugar; estendendo o diálogo para um contexto mais amplo, para uma visão de mundo e de valorização do espaço rural. (PINTO, 2009, p.03)

Para Bidegain (2011), o teatro comunitário tem em comum com o teatro popular o setor de

onde provém e para onde é destinado, assim como o estímulo à participação do público, muitas vezes acontecendo em espaços públicos e o trabalho realizado em equipe.

El teatro comunitario surge como necesidad de un grupo de personas de determinada región, barrio o población de reunirse, agruparse y comunicarse a través del teatro. Es un tipo de manifestación y expresión artística que parte de la premisa de que el arte es un derecho de todo ciudadano y, que como la salud, el alimento e la educación, debe estar entre sus prioridades. Por esta razón propone a la comunidad asumirlo como tal y no deligarlo en otros. (BIDEGAIN, 2007, p. 33)

Outra questão importante para o autor acima (2007) sobre o teatro comunitário é que como espectadores, nunca vemos o mesmo espetáculo, ou seja, quando se estreia um espetáculo, o mesmo vai se modificando de acordo com a resposta do público, com a entrada de novos integrantes ao grupo, afinal quando falamos em teatro comunitário, estamos ciente de que é feito por grupos que imprevisivelmente podem não estar no dia seguinte. E assim, acabam trabalhando com diferentes versões de um mesmo personagem.

De maneira geral, a autora afirma que os grupos de teatro comunitário estão em permanente renovação, se reconstituindo de integrantes que entram e saem. E vale lembrar aqui, que quando nos referimos a grupos de terceira idade isso é ainda mais frequente.

Então basicamente, no teatro não importa se um punhal, por exemplo, é feito de metal ou papelão, mas sim como o ator, como ser humano, teria agido se as condições e circunstâncias que envolviam o personagem fossem reais, e se aquele punhal fosse real. O diretor Tortsov explica que acreditar na realidade daquilo que se está representando, é o mais importante na vida do ator, pois “tudo que acontece no palco deve ser convincente para o ator, para seus associados e para os espectadores”. (STANISLAVSKI, 2010, p.169)

Assim, para expor emoções, como fazem os artistas? O pintor coloca-se frente as suas telas, o pianista senta-se ao piano, etc. Enquanto que, para Stanislavski, o ator vai para o palco, exprimir suas emoções através das suas técnicas

e criações, onde sua mente, seus sentimentos entram de acordo para mobilizar uma ação. (2010, p.20)

O teatrólogo Augusto Boal, idealizador do Teatro do Oprimido, tem por objetivo resgatar, desenvolver e redimensionar o teatro, tornando-o um instrumento eficaz na compreensão e na busca de alternativas para problemas sociais e interpessoais. Suas vertentes pedagógica, social, cultural, política e terapêutica propõem-se a transformar o espectador (plateia) em protagonista da ação dramática (sujeito criador e transformador), estimulando-o a refletir sobre o passado, transformar a realidade no presente e inventar o futuro, através de um conjunto de jogos, exercícios e técnicas teatrais.

Para Stanislavski o importante é a veracidade que o ator apresenta em palco tal como é. Conta que dentre os diversos exercícios que tinha com o seu diretor Tortsov, este lhe havia dito que o teatro precisa passar o sentimento de que o que acontece no palco realmente poderia acontecer. Em uma das suas aulas, o diretor diz: “ (...) na vida comum, a verdade é aquilo que existe realmente, aquilo que uma pessoa realmente sabe. Ao passo que, em cena, ela consiste em algo que não tem existência de fato, mas poderia acontecer”. (2010, p.168)

Neste trabalho nos referimos especificamente aos idosos, pergunta-se: o que faz de um ator (neste caso um idoso que participa numa peça), lembrar-se mais das memórias antigas que as mais recentes? Usamos Stanislavski citando Tortsov para responder a isto:

Você é capaz de imaginar como é realmente a nossa memória emocional? Imagine um certo número de casas, com muitos quartos em cada casa, em cada quarto inúmeros armários, prateleiras, caixas, e, em algum lugar, numa delas, uma pequena missanga. É bem fácil achar a casa certa, o quarto, o armário e a prateleira, mas já é mais difícil encontrar a caixa exata (...) (2010, p. 213).

E é isso que se passa nos arquivos da nossa memória. Umas mais acessíveis do que outras. Stanislavski, afirma ainda que um ator, independente dos papéis que interpreta, deve sempre usar os próprios sentimentos.

Sempre e eternamente, quando estiver em cena, você terá de interpretar a si mesmo.

Mas isto será numa variedade infinita de combinações de objetivos e circunstâncias dadas que você terá preparado para seu papel e que foram fundidos na fornalha da sua memória de emoções. (2010, p.217).

Então, fica nítido que ser ator não é uma mera forma de representar algo ou alguém, mas uma maneira muito mais profunda de tentar encontrar em si mesmo algo para contribuir com o seu personagem.

Não se pode falar em teatro sem falar em Stanislavski. Voltando ainda um pouco nele, quando falamos em atuação, interpretação, nunca é demais falarmos do diretor russo que estabeleceu um método de criação que visa um profundo envolvimento do ator com seu personagem. Esse método revolucionou tanto o campo teatral como o cinematográfico.

A partir de seus livros, *A preparação do ator*, *A criação de um papel*, *A construção da personagem*, entre outros; podemos em linhas gerais traçar alguns pontos importantes para a preparação do ator:

- Nos primeiros contatos com o papel, o ator deve considerar a leitura como um momento de extrema relevância dentro do processo de criação do ator, afinal é aí que se têm as primeiras impressões do papel. Nesse processo o ator deve compreender a estrutura do texto, juntamente com as ações do personagem e não às emoções, pois as emoções devem ser compreendidas no decorrer das ações. E assim apresentando um passado e perspectivas de um futuro para esse personagem.

- Estabelecido um passado, presente e futuro para o personagem, o ator deve buscar aspectos psicológicos, ou seja, perguntar-se: “O que eu faria se a mesma coisa acontecesse comigo da mesma maneira que aconteceu com o personagem?”. Desta maneira, o ator pode descobrir as razões das atitudes tomadas pelo personagem que ele está representando.

- O ser humano é, muitas vezes, emocionalmente contraditório, por isso o ator deve dar ao seu personagem um caráter verdadeiramente humano, no que se refere às suas emoções. Se o personagem for um homem bom, por exemplo, deve-se sondar o que esse homem pode ter de mau, contraditório.

- A memória emotiva é um item de extrema importância para o ator, pois é necessário que o ator

utilize a memória sensorial (sensações armazenadas), ou seja, sons, imagens vistas, aromas, gostos, etc. Essas sensações que farão reviver as emoções já sentidas alguma vez, o que torna real o trabalho do ator.

Essas observações descritas acima são fundamentais na preparação do ator, considerando os idosos sujeitos aptos a encenar é preciso prepará-los para tal atividade, sem dúvida com muito mais frequência e persistência.

O artigo procura demonstrar a importância de se trabalhar com idosos não atores profissionais, através do teatro e a importância disso para desenvolver a capacidade de memorização e de construção de histórias através de suas lembranças. O teatro passa a ser para tais sujeitos o espaço de relato de suas vivências seus “causos” alegres ou tristes, mas capazes de serem eternizados em peças teatrais organizadas por tais memórias.

2. Envelhecimento

As investigações e os estudos sobre envelhecimento e terceira idade têm-se ampliado de maneira significativa nos últimos anos, o que pode ser comprovado na literatura especializada, em obras como Lima Filho, *Envelhecer bem é possível: cuidando de nossos idosos na família e na comunidade* (2004); Manzi, Silvia e Frazão, Yasmim, *Saúde e Rejuvenescimento: você saudável pôr dentro e pôr fora* (2011); Malagutti, William e Bergo, Ana Maria Amato, *Abordagem Interdisciplinar do Idoso* (2010).

É possível observar o envelhecimento da população no mundo e a sua importante repercussão nos âmbitos social, político e econômico. Com o crescimento da população idosa, surgem novas e importantes necessidades de intervir com esse grupo etário. Esta reflexão sobre o envelhecimento amplifica-se também nas universidades e nos projetos voltados para esta faixa etária que têm colocado em foco propostas inovadoras, que promovem a autoestima dos idosos e a luta contra os preconceitos, muitas vezes, existentes em relação a esse grupo populacional.

Schwanz (2006) refere em sua pesquisa que a categoria “terceira idade” foi construída na França, nos anos 60, e “refere-se a uma emergente realidade da velhice, ligada a um novo tempo de lazer e não mais associada à miséria,

doença e decadência, o que, em geral, ocorria após a aposentadoria”.

Em 1963, surge no Brasil o grupo da terceira idade no SESC de São Paulo, o qual foi pioneiro na criação do lazer para grupos de idosos aposentados. Já a partir dos anos 1980 e principalmente nos anos 1990 são criadas no Brasil as Universidades da Terceira Idade, seguindo o exemplo de vários países (como França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Bélgica) que, nos anos 1970, criaram programas educacionais para idosos com vínculos em universidades e educações para adultos.

Com base na pesquisa “Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade”, a qual partiu da iniciativa da Fundação Percebeu Abramó (FPA)¹, Venturi e Bokany (2007), no capítulo “A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado”, afirmam que a relevância desse estudo veio do fato de que até a década de 1980, o Brasil ainda podia ser considerado um país com população jovem, porém, com a diminuição da taxa de natalidade e o aumento da expectativa de vida nas últimas décadas esse perfil vem-se alterando. É importante destacar que o número de brasileiros em 2014,

(...) chegou a 203,2 milhões de pessoas, e indivíduos com mais de 60 anos representavam 13,7% do país. É um aumento de 0,7 ponto percentual em relação a 2013. A proporção em si não é gritante, mas o movimento vem sendo contínuo e acompanha uma redução pequena, porém também constante, do número de jovens. Enquanto o número de idosos subiu, o de pessoas com menos de 24 anos caiu 0,8 ponto percentual, passando a representar 38% da população. Para fins de comparação, em 2004 a população acima de 60 anos era de 9,7%. (BBC, 2015, p.01)

Esse número deve dobrar por volta de 2030, o que poderá corresponder a um quinto da população brasileira, de acordo com as projeções da Organização Mundial da Saúde (OMS).

A velhice na sociedade capitalista costuma ser vista como sinônimo de invalidez e ser improdutivo. Isto no Brasil se reflete muitas vezes não apenas no âmbito social, mas também

¹ Que conta com o SESC (Serviço Social do Comércio) como uma das parcerias.

familiar, verificando-se que a sua participação nas decisões da família se reduz conforme se envelhece. O idoso enfrenta diversas dificuldades com relação ao relacionamento com pessoas de diferentes faixas etárias, principalmente com a juventude. Portanto, é necessário que sejam realizados trabalhos de qualificação para estes jovens, para que desde cedo possam lidar até mesmo com a sua própria velhice.

Andrade (2012) comenta que embora possa parecer estranho, em nossa cultura de hoje, o termo velhice por se pensar que está próximo da morte, tem uma conotação pejorativa, quase que como uma ofensa ou insulto. Talvez por isso o termo tenha sido mal-usado desde a década de 90 do século XX. É preciso que entendamos que o processo de envelhecimento é algo biológico e inevitável. Para Andrade, a morte não é um privilégio da velhice, visto que a morte se dá em todas as idades.

Então, aí surge a necessidade dos idosos exercitarem sua visão crítica da realidade em que vivem e que a podem transformar. Para autores, como Coutinho (2008), para quem a arteterapia com idosos é algo que vem crescendo e fazendo diferença na vida da terceira idade, o tempo impõe, sim algumas limitações, mas também acrescenta em diversos aspectos, como em experiências, sensibilidade, sabedoria e, em alguns casos, a coragem.

Para Coutinho, a questão da “produção”, ou seja, uma vez que o idoso já não desenvolve mais uma atividade de trabalho (embora hoje, haja muitas exceções), parece que isso deve ser associado a ideia de que já não “contribui” para a sociedade. E é aí que entra a arteterapia, com o intuito de criar e produzir arte, buscando uma autovalorização, que dê uma vivência saudável e consciente do idoso. Coutinho afirma ainda, num dos exemplos em seu livro, que a arteterapia na terceira idade não tem o intuito de provocar um mal-estar sobre coisas que já não podem ser modificadas, e o que se pretende é que o idoso possa compreender-se e entender que foi feito o possível.

Muitas histórias, ao longo do tempo, foram sendo conservadas na mente das pessoas e isso vai se refletindo na medida em que se percebe o momento e a relevância para com aquilo que está acontecendo na sua vida. E com isso, vêm as reflexões que se faz da vida e a percepção de

que o tempo impõe muitas mudanças como, por exemplo: alterações do corpo, da pele, dos cabelos diante de uma sociedade regida por padrões de beleza, o que não deve ser uma tarefa fácil, ou a própria aproximação da morte, são questões com as quais o idoso tem de se defrontar.

De acordo com Oliveira (2008), a obra da autora Ecléia Bosi *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* publicada em 1994, da qual se pretendeu seguir a mesma linha de pensamento, inaugura uma nova proposta metodológica de pesquisa, analisando entrevistas com oito pessoas idosas residentes na cidade de São Paulo que aí viveram sua infância. Para a autora, a história é contada através da memória social dos sujeitos entrevistados.

Ecléia Bosi responde à questão “Por que temos que lutar pelos velhos?” colocada por Marilena Chauí em sua apresentação do texto “Os trabalhos da memória”, na obra *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*, de Ecléia Bosi:

(...) os idosos são a fonte, a raiz da cultura, onde o passado se conserva e onde se prepara o presente. A função social do idoso é aconselhar e lembrar, mas a sociedade capitalista de certa forma impede essa lembrança, o usa para o trabalho e recusa seus conselhos. (BOSI, 1994 p.18).

Portanto, encontra-se a ideia da educação permanente, a qual busca manter os idosos atualizados, tendo como exemplo as Universidades da Terceira Idade. Pois, entende-se que a arteterapia também pode ajudar a diminuir alguns preconceitos com relação à criatividade dos idosos. Coutinho afirma que, ao criar e fazer arte, estamos falando de nós mesmos, do nosso tempo, da nossa história, dos medos e aspirações.

Chauí ao fazer o prefácio da obra de Bosi, questiona: há discriminação na velhice, mas como se dá? Dentre as inúmeras formas destaca-se por intermédio dos asilos, da aposentadoria e dos mecanismos sutis, como a recusa do diálogo (que forçam o idoso a comportamentos repetitivos e monótonos), da tolerância, da má-fé, etc. E para ela, é possível que ser idoso numa sociedade capitalista seja o mesmo que sobreviver.

Por isso Bosi (1994) afirma: “Nós é que temos que lutar por eles”. Chauí, comenta que, esse texto em que Bosi trabalha a memória social de idosos da cidade de São Paulo, vai revelar

como a diferença dos trabalhos realizados por eles é determinante na produção das lembranças.

O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsava seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito (...) (HALBWACHS, 2006, apud HERMÖGENES).

No entanto, Bosi afirma que, hoje, na era da informação, a busca pela sabedoria está cada vez mais frágil, substituída pela opinião. A narração foi substituída pela informação, sobretudo da imprensa, de modo que artistas que se casam, por exemplo, ganham mais destaque do que uma revolução.

O que poderia caracterizar a velhice? Ainda segundo Venturi e Bokany (2007), a percepção da velhice mostrou-se ligada principalmente a aspectos negativos, tanto entre as representações dos idosos (88%) como entre os não idosos (90%). O desânimo, a perda da vontade de viver, doenças e limitações físicas são, para a grande maioria, o principal alerta de que a velhice chegou.

Entretanto, quando questionada sobre como se sente com a idade que tem, a maioria da população idosa brasileira responde positivamente, sendo baixa a percentagem da população que responde negativamente. Mesmo sendo preponderantemente negativa, a maior parte dos idosos sente-se bem, e a maioria não se sente idosa, ou seja, só a partir dos 70 anos de idade é que a maior parte dos idosos no Brasil se sente como tal.

O tempo livre aumenta de forma significativa para as pessoas idosas, pois com a democratização do tempo livre para a maioria da população no século XX, diminuíram-se as horas de trabalho e aumentou o tempo livre, principalmente com a aposentadoria. No entanto, o trabalho traz ao trabalhador a sensação de utilidade, de reconhecimento e integração na sociedade, ao passo que o lazer ou o tempo, sem o seu contraponto, traz possivelmente um sentimento de vazio e exclusão.

Quando comparados grupos de idosos que nunca foram à escola com aqueles que obtiveram ensino médio e superior, nota-se uma grande diferença, pois os mais escolarizados

desenvolvem mais atividades que envolvam a leitura, por exemplo. Idas a teatros, cinemas, museus são feitas por idosos que dispõem de recursos financeiros. Por sua vez, os com mais baixa escolaridade têm menor frequência nas atividades de lazer, talvez pela dificuldade de acesso, a não valorização dessas práticas e a falta de hábito. Entretanto, Doll (2007) enfatiza que, embora tenhamos uma oferta educacional positiva para os idosos, a questão não é oferecer simplesmente quaisquer atividades a eles, mas sim que essas atividades tenham alguma relação com a sua identidade, com as suas necessidades e competências.

Coutinho (2008) aponta que Benedetto Saraceno em seu livro "Libertando identidades-da reabilitação psicossocial à cidadania possível" que algumas das perdas que podem caracterizar o envelhecimento (motoras, sensoriais) muitas vezes acabam sendo supervalorizadas no âmbito familiar ou sociocultural em que o idoso vive, e isso acaba por se refletir em questões afetivas. É claro que as perdas são notórias e reais, mas é importante perceber que também há aspectos que se mantêm ou melhoram na vida da pessoa.

Portanto, seguindo a tendência atual da preocupação com a terceira idade, encontramos a ideia da educação permanente, a qual busca manter os idosos atualizados, tendo como exemplo as Universidades da Terceira Idade. A arteterapia também pode ajudar a diminuir alguns preconceitos com relação à criatividade dos idosos, pois Coutinho (2008) afirma que ao criar e fazer arte, estamos falando de nós mesmos, do nosso tempo, da nossa história, dos nossos medos e aspirações.

3. Teatro na Terceira Idade

Sob essa perspectiva, julgo importante colocar que antes da experiência em Lisboa, cursando o Mestrado em Artes Cênicas-UNL, o percurso por diversos cursos de teatro no Brasil me possibilitou uma visão muito ampla do mundo teatral, pois nas peças em que participei sempre houve atores de diversas idades, o que considero positivo porque nos faz lidar com diferentes tipos de pessoas e nos leva a adotar um tipo de linguagem mais clara, em que a compreensão e a tolerância falam mais alto.

Antes e durante a realização do curso de mestrado, realizei trabalho voluntário no Centro de Recolhimento Nossa Senhora do Carmo da Lapa, em Lisboa, Portugal, exercendo atividades de formação artística, mais especificamente de prática teatral. Lá tive a oportunidade de conhecer profissionais que trabalhavam com gerontologia e viam no teatro uma possibilidade de se reforçar a memória dos idosos. O trabalho que aí procurei desenvolver com a linguagem teatral estava muito ligado ao trabalho social, pois procurei utilizar o teatro como ferramenta para melhorar a compreensão da sua memória e, com isso, poder melhorar o envolvimento no âmbito social.

Em entrevista com Sofia Neuparth (2013), do Centro em Movimento (C.E.M) - Lisboa². Esta referia: *“tu vens ao CEM com aquilo que tu és e vens sendo. O que praticas no CEM é uma ampliação da tua perspectiva de si própria e do mundo. É um estudo que põe sempre lado a lado o começar e o continuar.”* Tendo essa perspectiva como base podemos partir da ideia de “continuidade” entre arte e vida, ou seja, para Neuparth é importante criar uma autonomia, onde os idosos possam dar continuidade ao trabalho teatral independente do responsável formal pela atividade iniciada, potencializando as suas competências pessoais.

Essa ideia é partilhada por outros autores, como Coutinho (2008). A arteterapia com idosos é algo que vêm crescendo e fazendo diferença na vida da terceira idade. Poderia uma terapia ser por meio da arte? De acordo com Coutinho, isso é realmente possível, pois o exercício da criação seja de sons, imagens e movimentos, juntamente com o autoconhecimento é sim uma arteterapia.

Posteriormente, com o interesse em trabalhar o teatro com terceira idade, surgiu a oportunidade de trabalho com o Grupo de Teatro Ativo da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – Pr (UEPG), Paraná, Brasil, o qual foi objeto de estudo para o Mestrado em Artes Cênicas na UNL. A partir daí questões norteadoras foram delineadas: É possível, a partir de um grupo de idosos participantes de uma prática teatral cons-

truir uma peça com as memórias de cada um? Que momentos de vida, de trabalho, ou situações de tristeza e alegria, deverão ser escolhidos para o guião da peça? Qual a metodologia a ser utilizada para dar voz a todos e considerar cada vivência? Que espaços cênicos deveram utilizar? Que dificuldades serão enfrentadas?

O referido trabalho foi definido como um estudo sobre representação cênica com base nas memórias dos idosos e, para obtê-las, cada um escreveu uma lembrança da sua vida que considerou importante e assim pôde representar no palco, ou seja, as vivências dos idosos pertencentes à UATI-UEPG foram registradas e, através de seus relatos, foi construída uma peça teatral.

Tomando por objeto de estudo a intervenção no grupo de Teatro Ativo dos Idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI)-UEPG, este projeto procurou envolver ativamente os participantes no grupo, nomeadamente através da construção do guião da peça que foi sendo construída de forma participativa e coletiva através das vivências e memórias que foram sendo apresentadas pelos elementos deste grupo.

O trabalho de projeto que desenvolvemos na UATI se insere neste contexto, pois acreditamos que, ao propiciar aos idosos, atividades que os façam pensar e repensar sobre suas vidas, através de um exercício de memória e da dramatização, estamos imediatamente imersos na capacidade de valorização do idoso e de uma possível autonomia.

Os idosos participantes da UATI são representativos da população de Ponta Grossa - Pr, a maioria dos quais são descendentes de imigrantes, têm vinculação com suas famílias; são escolarizados; são alegres e hospitaleiros; reúnem-se frequentemente para festas familiares, encontros com amigos e são solidários com as dificuldades alheias.

O tipo de pesquisa foi baseado no método qualitativo, através da observação participante e da realização de entrevistas durante e após o desenvolvimento do projeto artístico. As metodologias qualitativas são aquelas

(...) capazes de incorporar a questão do SIGNIFICADO e da INTENCIONALIDADE como inerentes aos atos, às relações e estruturas sociais, sendo estas últimas

² Estrutura de investigação artística que envolve o corpo enquanto movimento.

tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 1999, p.10).

Optou-se, portanto, no trabalho de projeto, pela metodologia de Grupo Focal (Focus Group), por levar em consideração a possibilidade das diferentes visões dos indivíduos constituintes do grupo.

A metodologia de Grupo Focal, segundo Powell e Singles (1996 apud GATTI, 2005) constitui-se a partir de um grupo de pessoas reunidas e escolhidas pelo pesquisador, cujo objetivo é dialogar sobre um determinado tema. É ainda segundo Marino (2003, p. 76), essa ferramenta que se usa no grupo focal “é uma técnica de abordagem que utiliza pequenos grupos para obter informações qualitativas sobre tópicos específicos”. Permite, assim, obter o ponto de vista de 8 a 12 pessoas ao mesmo tempo, de forma mais célere do que efetuado em entrevistas individuais. Desta forma, o grupo focal como metodologia pareceu ser compatível e coerente com o propósito apresentado.

Os pesquisadores portugueses Galego e Gomes (2005) afirmam que, através dessas relações recíprocas que se estabelecem no processo desse método do grupo focal, há um autodescobrimento, portanto, uma emancipação.

O grupo focal foi desenvolvido segundo as etapas descritas abaixo:

Na **1ª Etapa** do trabalho: foi realizada uma exposição oral sobre os objetivos da pesquisa pela pesquisadora do projeto aos idosos participantes do projeto; a partir desse momento:

1 - Os alunos descreveram um fato significativo de sua vida;

2 - Essas informações foram organizadas por etapas (de vida) tais como infância, adolescência, idade adulta, envelhecimento, levando-se em conta os pontos em comum e divergências entre os vários relatos.

3 - A partir desse material, que serviu de base para o desenvolvimento de um espetáculo, organizou-se o roteiro da peça;

b) Na **2ª Etapa**: realizaram-se leituras com o grupo com ênfase na pontuação e em leitura interpretativa;

c) Na **3ª Etapa**: foram realizados ensaios com texto em mãos;

d) Na **4ª Etapa**: foram tomados depoimentos dos idosos, registrados em vídeo com as seguintes questões:

- A UATI oferece diferentes atividades que você pode optar, por que optou pelo Teatro?

- Qual a importância do Teatro na sua vida?

- Ao construir essa peça, o que o levou a optar por essa memória da sua vida?

- Como se sente no palco?

- Você acha que seria possível você avançar no Teatro sem a presença de um professor? Acha que isso lhes daria autonomia?

e) Na **5ª Etapa**: Apresentação da peça e validação dos resultados – Iniciou-se aqui a construção da análise, com discussões e avaliações; o resultado da mesma permitiu definições para a melhoria das práticas analisadas.

É importante destacar aqui que esse é um processo construtivo e que os idosos participam de todo esse percurso.

Embora seja importante ressaltar que a veracidade exata das narrações feitas pelos idosos do grupo de Teatro Ativo não foi algo que pudesse trazer preocupação, pois seus lapsos e erros são menos graves se comparados à importância e a forma de narrar uma passagem tão importante de suas vidas. Foram realizadas reuniões e ensaios com o grupo de Teatro Ativo da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), as quais foram acompanhadas e gravadas pela pesquisadora do projeto. Foram elaborados, também, roteiros de aulas/ensaios a serem seguidos pelo grupo e questionários.

Participaram do referido trabalho 10 mulheres e 01 homem, na faixa etária de 57 a 86 anos. Foi realizada a peça “O Encontro”, a qual se passava em uma noite de natal e permitiu que esses idosos pudessem contar uma vivência significativa para eles e interpretassem eles mesmos, porém sob uma outra perspectiva.

As falas apresentadas na peça realizada pelo referido grupo de Teatro da UATI – UEPG estavam permeadas de emoção. Obviamente, cada um tinha seu grau e modo de fazer transparecer isso. E tiveram total liberdade ao selecionarem as histórias que gostariam de expor na peça.

A observação participante trouxe oportunidade de vivências com pessoas que têm em si uma característica muito envolvente: eles demonstraram sentir alegria em fazer parte desta atividade, sentindo-se como sujeitos que trazem

uma novidade, um momento de relaxamento, de reflexão aos espectadores, pois ao retratarem parte de suas histórias levaram a plateia do riso às lágrimas.

À medida que foi se desenvolvendo cada personagem, a maneira como cada um dos idosos dava vida novamente a esses momentos, permitiu-nos aprimorar figurinos e o cenário, considerando a identidade de cada um.

Para além do teatro em si, procuramos que esta atividade fosse também um instrumento no resgate da autoestima destes idosos, possibilitando formas de conhecimento e o entendimento de que o exercício de atuar pode ser um instrumento poderoso de ocupação e satisfação mental.

Sabe, a gente se sente assim uma atriz sabe?! A gente parece que está na tela da televisão de tão importante que a gente se sente. A gente esqueceu de ter timidez, perde tudo quando estamos no palco, parece que a gente é... (IRENE, 60 anos)

Outra questão interessante que vai ao encontro do analisado por Schwanz (2006) é a questão da escuta. Certamente, a necessidade da escuta é algo que impulsionou alguns idosos a procurarem atividades nas quais possam encontrar atenção e possam compartilhar suas vivências. Assim, seguramente, esses idosos, ao entrarem para um grupo de teatro, não tinham a intenção somente de representar em cima de um palco, mas a necessidade de serem ouvidos.

Quando se trabalha com terceira idade, a noção de tempo altera-se, pelo fato de que alguns dos alunos têm limitações impostas pela idade e/ou pelo nível de escolaridade. O idoso apresenta características que exige uma compreensão muito maior. É preciso que haja uma conversa na qual o idoso se sinta confiante e, ao mesmo tempo, com a obrigação de responder conforme se compromete afinal ser idoso apenas não o livra dos compromissos ou lhe dá menor responsabilidade.

A partir da efetivação da peça, nomeadamente das técnicas de interação grupal e do processo participativo de construção de personagens, foram analisados os discursos dos participantes nesta sua experiência teatral.

[...] eu me esforcei bastante, porque eu nunca fiz personagem triste e hoje tava bem diferen-

te do meu temperamento. Então, eu procurei encarnar mesmo o personagem, porque eu fiquei triste, chorava e não chorava. Enfim, foi uma coisa completamente diferente de tudo que eu já fiz em teatro, sou mais de comédia. [...] (NETINHA, 86 anos)

Como vimos, no processo de envelhecimento o idoso precisa de uma série de instrumentos que lhe permitam uma alternativa mais positiva de envelhecer. De acordo com a opinião dos autores Ribeiro e Paul (2011, apud AFONSO, 2013, p30 e 31):

Um envelhecimento “bem-sucedido”, “satisfatório” ou “activo” não depende exclusivamente de factores como a sorte ou património genético. Depende de cada um de nós, das acções e responsabilidades individuais. A saúde, mas também os padrões comportamentais e os afectos, as amizades e os contextos de vida, o tempo socioeconómico e histórico que experienciamos, tendem a confundir-se com os resultados dos percursos individuais, num balanço constante entre os factores da pessoa e do meio, mediados por significados e valores (p. 30 e 31).

Considerações Finais

A partir dos objetivos propostos no projeto de mestrado buscou-se conhecer as histórias de vida dos alunos do grupo de Teatro Ativo da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), para construir uma peça teatral e analisar o seu potencial para promover a melhoria da qualidade de vida desses sujeitos.

Portanto, o objetivo geral foi analisar como o teatro pode potencializar uma melhor qualidade de vida e a autovalorização dos idosos através da utilização das suas vivências e memórias como uma base para um desdobramento em práticas teatrais.

Esse projeto resultou num amadurecimento daqueles que desejaram compreender a própria vida revelada através do teatro. E ao se perceberem como parte desse processo, o entrosamento e a dedicação ao projeto de construção da peça foi ficando cada vez maior.

Procurou-se que isso também se faça sentir por aqueles que estão do outro lado do palco,

uma vez que o público faz parte do espetáculo e ocupa um lugar fundamental.

As pessoas normais brincam com muitos jogos de linguagem: jogos de amor, jogos de poder, jogos de saber, jogos de prazer, jogos de fazer, jogos de brincar. Porque a vida não é uma coisa só. A vida é uma multidão de jogos acontecendo ao mesmo tempo, uns colidindo com os outros, das colisões surgindo faíscas. Uma cabeça ligada com a vida é um festival de jogos. E é isso que faz a inteligência (ALVES, 2000, p.112).

Schwanz (2006) refere que talvez devêssemos repensar a velhice de forma a não a comparar tanto com a idade adulta ou a infância, ou seja, não pensar nela como o fim do túnel, onde já não há mais tempo para nada. E sim como mais uma etapa da vida, onde há vantagens e desvantagens, tal como acontece com as outras etapas. Encarar isso como um tempo que permite fazer tudo aquilo que não se pôde fazer antes, que se tinha vontade de fazer, mas que na velhice se lhe permite tempo e novas experiências de vida.

Acreditamos que este grupo de teatro conseguiu muito mais do que o fato de representar, conseguiram representar-se a si mesmos numa outra perspectiva de vida. Para a terceira idade muito mais do que falar alto, é preciso saber falar. Falar de maneira que transmita aos ouvintes confiança, incentivo e compreensão. Esse grupo de teatro Ativo foi caracterizado pela força de vontade e comprometimento. Mesmo com dificuldades e limitações, o grupo de maneira geral manteve-se coeso em todos os momentos, mesmo quando alguns enfrentaram doenças, problemas afetivos, conflitos entre si e emocionais.

Coutinho afirma (2008), que segundo Simone de Beauvoir em seu livro *A velhice*, quanto mais velhos ficarmos maior será o número de perdas com as quais teremos que conviver. E por isso consideramos que há urgência de uma sensibilização e compreensão da população em geral para com a terceira idade, o que faz com que o teatro tenha, sem dúvida, um papel privilegiado hoje.

Pois cada vez mais se tem visto resultados positivos no que diz respeito à memória dos idosos, dando-lhes utilidade, criatividade e cooperação dentro do grupo, o que gera a melhoria na sua autoestima.

As experiências servem para que consigamos extrair delas o melhor que a vida tem e quando são boas, fazer por repeti-las. Julgamos essencial partilhar desse conhecimento individual dos idosos com outras gerações, para que estas obtenham a diversidade e a sabedoria que cada um guarda nas suas memórias. E alertá-los para a busca de um novo modo de envelhecer.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carmem Maria e D'Alencar Raimunda. **A Educação (Re)visitada: A Velhice na Sala de Aula**. Ed.UESC, Bahia, 2012.

AFONSO, Mariana Alves. **Relatório de Estágio apresentado à Instituto Politécnico da Guarda**. <http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/1365/1/Mariana%20Afonso%205006578.pdf> Acesso em: 07/03/2014.

BBC -Conheça as principais mudanças da população brasileira reveladas pelo IBGE **in** http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151113_resultados_pnad_jc_ab acesso em 15/11/2015.

BIDEGAIN, Marcela. **Teatro Comunitario argentino: Teatro habilitador y re-habilitador del ser social**. Recorrido Cartográfico por las Temáticas de los espectáculos. http://parnaseo.uv.es/Ars/stichomythia/stichomythia11-12/pdf/estudio_8.pdf . Acesso em 22/04/2014.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CACCIAGLIA, Mario. **Pequena História do Teatro no Brasil** (quatro séculos de teatro no Brasil). São Paulo, Edusp, 1986.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. *Estud. av.* [online]. 1991, v.5, n.11, p. 173-191.

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com idosos: ensaios e relatos**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

DOLL, Johannes. Educação, Cultura e Lazer: perspectivas da velhice bem – sucedida. In: **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. Ed.Fundação Perseu Abramo e Sesc. São Paulo, 2007.

ENCENA,<http://www.baraoemfoco.com.br/baraoportal/cultura/teatro/tatrobr.htm>,2015

FERREIRA, Diego. In: **Teatro Brasileiro: Origens/ Teatro dos Jesuítas – Século XVI**. Disponível em: <http://escapeteatro.blogspot.com.br/2011/02/teatro->

brasileiro-origensteatro-dos.html 2011. acesso em 02/02/2013

GALEGO, Carla; GOMES, Alberto A. Emancipação, Ruptura e Inovação: o “Focus Group” como instrumento de investigação. **Revista Lusófona de Educação**, número 5. Lisboa, Portugal: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, p. 173 – 184, 2005.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília-DF: Líber livro, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HERMÓGENES, José. **Saúde na Terceira Idade**. S/L Ed. Diversos, 2005.

LIMA FILHO, João Batista. **Envelhecer bem é possível: cuidando de nossos idosos na família e na comunidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

Organização Mundial de Saúde. <http://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/> acesso em 03/05/2015.

MALAGUTTI, William e Bergo, Ana Maria Amato, **Abordagem Interdisciplinar do Idoso** Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 2010.

MANZI, Silvia e Frazão, Yasmim. **Saúde e Rejuvenescimento: você saudável pôr dentro e pôr fora**. Livraria da Vila da Al. Lorena, São Paulo, 2011.

MAGALHÃES JUNIOR, Raymundo. **Origem do teatro: Teatro I**. Rio de Janeiro: MEC, FENAME, BLOCH, 1980.

MARINO, E. **Manual de avaliação de projetos sociais**. São Paulo, SP: Instituto Senna, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 6.ed. São Paulo, Hucitec; Rio de Janeiro, Abrasco, 1999.

NEUPARTH, Sofia. **Trabalho com idosos no C.E.M**. Lisboa, 8/08/2013. Entrevista concedida à Graciele Barbosa de Moraes Barros.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. “Memória e sociedade”: ciência poética e referência de humanismo. **Psicologia USP**, v.19,n.1, São Paulo, 2008.

PEREIRA, Denise. **Os festejos de Sant’Ana: reafirmação de fé religiosa para Ponta Grossa” (1930-1965)**. Monografia (Curso de Pós-Graduação em História, Arte e Cultura)- Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

PINTO, João Rodrigues. **O teatro popular comunitário e o diálogo com a realidade**. <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/pedagogia/Jo-aorodriguesPintoTEATROPOPULARCOMUNITA-RIOE0DIALOGOCOMAREALIDADE.pdf> Acesso em: 14/04/2014.

RIBEIRO, Maria Tereza Peral. **Lar de idosos: Uma fábrica de experiências: “o Teatro, à Ciberanimação e à animação pela Espiritualidade”**, quadernsanimacio.net, n.19, 2014. Disponível em: <http://quadernsanimacio.net/pdfs/ldosos.pdf> Acesso em: 07/03/2014.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. 27. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SCHWANZ, Jezuina Kohls. **O risco do bordado – educação na terceira idade: trajetórias de vida de senhoras**. 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/1325/1108> Acesso em: 19/02/2014.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. A Velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. Ed. Fundação Perseu Abramo e Sesc. São Paulo, 2007.